

A capa de revista como dispositivo midiático¹

Vanessa Costa TRINDADE²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Quais as contribuições da noção de dispositivo midiático para pensar a capa de revista como objeto de estudo da comunicação? Na tentativa de responder a essa questão, recorremos ao conceito de dispositivo conforme trabalhado por Antunes e Vaz (2006), acrescentamos a ele algumas contribuições de Mouillaud (2002) e Braga (2011) sobre o tema e buscamos aí subsídios que permitam, numa pesquisa comunicacional, tomar a capa de revista em suas especificidades material, formal e relacional.

Palavras-chave: capa de revista; dispositivo midiático; texto verbo-visual; experiência.

Capa de revista - um objeto de estudo

A capa de uma revista é sua vitrine - responsável por seduzir o leitor e convidá-lo a adentrá-la. Há autores que chamam a capa de rosto da publicação, um rosto que busca fisgar os olhares daqueles se que deparam com ela. Outros dizem que ela é (ou pelo menos que deveria ser) o resumo irresistível da edição (SCALZO, 2008). E independente da nomeação adotada, há sempre um atrelamento a algo que apresenta o conteúdo e informa sobre o miolo.

Capas dizem da identidade da publicação, trazem suas intenções e seu posicionamento. Toda revista é pensada, inclusive, para dizer quem pode ou não estar ali na capa e de que maneira pode estar. Conforme Koop (2008), o leitor deve tomar conhecimento do que a revista fala e de como ela fala logo nesse primeiro flerte. Um condensado da edição e da publicação, a capa traz elementos fixos (logotipo, por exemplo) e elementos móveis (como o estilo fotográfico e cores) que possibilitam dizer a cada edição que o número mudou, mas a revista continua a mesma³.

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, email: vancotrin@gmail.com.

³ Os elementos fixos também podem passar por modificações. Como a publicação, tendem a acompanhar as transformações culturais, sociais e históricas. São, contudo, mudanças mais espaçadas e que, normalmente, são justificadas pela própria revista quando ocorrem. Um exemplo é este comunicado que explica a alteração de nome da revista *Nova*

Segundo Koop, a capa deve ser rápida no seu processo de sedução, pois "os leitores não desejam conceder mais do que dois segundos e meio, em média, entre notar e pegar uma revista" (2008, p.213). Citando o Mr. Magazine⁴, o autor conta que a capa deve gerar uma cadeia de ações imediatas baseada em quatro "-me": olha-me, pega-me, folheia-me e compra-me. Ela é responsável pela venda e pelo sucesso de uma publicação. Mas é importante lembrar que, se nem sempre essa cadeia se conclui, não quer dizer que a revista não foi experienciada.

Apesar do convite, há aqueles que leem revistas sem nem mesmo tocá-las, o que não se configura como um problema, pois sabem do que se passa ali apenas por esse contato com sua fachada. E encontramos revistas mesmo em lugares que não são voltados especificamente para a venda dessas publicações: além das bancas, elas estão em gôndolas de supermercados e farmácias, livrarias, consultórios médicos, salões de beleza, nos táxis, nas casas de amigos e parentes.

Se nessa descrição um pouco mais extensa das capas percebemos tantas nuances, como tomá-las de modo complexo numa pesquisa em comunicação? Levando em conta essas especificidades e buscando compreender como as capas são criadas, Cardoso (2007) propõe observar a capa de *newsmagazine* como um dispositivo de comunicação. Para tanto, parte de Foucault, cujo conceito de dispositivo diz da rede que pode ser estabelecida entre um conjunto de elementos heterogêneos; de Deleuze, que o associa a uma meada, formada por linhas de naturezas diferentes (visibilidade, enunciação, força, fratura) e também de Charlier e Peeters, que abordam o dispositivo como uma figura intermediária entre uma abordagem totalizante (estrutura) e uma abordagem rizomática (conjuntos complexos abertos).

Ao ler o conceito por meio desses autores, Cardoso aponta que a capa pode ser vista como uma figura intermediária, que faz parte da publicação, mas também se demarca dela, existe por si só - o que se aproxima do trabalho de Charlier e Peeters. Além disso, diz que a observação de capas reunidas possibilita tanto perceber estratégias comuns, quanto visualizar um conjunto complexo, o que remete ao modo como a noção aparece em Foucault e Deleuze. Em seguida, sugere tomar as capas enquanto dispositivos de

para *Cosmopolitan*: <http://m.mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/nova-agora-e-cosmopolitan-e-voce-e-parte-desta-mudanca>. Acesso em: 24/06/2015.

⁴ Pseudônimo de Samir Husni, diretor do Magazine Innovation Center, da Universidade do Mississippi. Também é professor da Escola de Jornalismo desta Universidade e mantém um blog sobre revistas: www.mrmagazine.wordpress.com. Acesso em 24/06/2015.

comunicação e compara capas de quatro revistas (*Visão, L'Express, Newsweek e Veja*) indicando as semelhanças e diferenças entre elas.

A forma como Cardoso traz o conceito de dispositivo e o utiliza nesse trabalho permite que ela faça um bom panorama das principais recorrências das capas de revistas semanais de informação, caracterizando esse conjunto e dizendo do seu funcionamento como um todo. Todavia, as contribuições do tratamento adotado parecem esgotar-se aí - o que não é demérito nenhum do trabalho, já que ele cumpre com o que se propõe a realizar, analisar a criação de capas de *newsmagazines*. Acreditamos, porém, que o conceito pode ser acionado de modo a responder questões outras da comunicação em pesquisas sobre capas de revistas. Para tanto, recorreremos a abordagens da noção de dispositivo - Antunes e Vaz (2006), Mouillaud (2002) e Braga (2011) - que permitem tanto perceber as capas em conjunto quanto individualmente, nas diversas formas em que nos deparamos com elas e as experienciamos cotidianamente⁵. Por meio de tais abordagens, buscamos responder: quais as contribuições da noção de dispositivo midiático para pensar a capa de revista como objeto de estudo da comunicação?

2. O dispositivo midiático

A principal noção de dispositivo que mobilizamos aqui é a trabalhada por Antunes e Vaz, no texto "Mídia: um aro, um halo e um elo". Conforme tratada pelos autores, tal noção propõe definir a mídia para além de um aparato técnico e de uma forma discursiva, configurando-se, então, como uma tentativa de ultrapassar a abordagem midiocêntrica da comunicação. Para eles, se na contemporaneidade a mídia ocupa um papel importante e crescente na vida cotidiana, é inviável estudar a comunicação sem estudar o seu funcionamento. Mas se o estudo desse fenômeno se voltar exclusivamente para a mídia enquanto uma instância de determinação, minimiza-se a intervenção dos interlocutores e deixa-se de lado o estudo comunicativo em que os sujeitos têm papel fundamental, por isso

⁵ Mesmo com o fechamento recente de muitos títulos, revistas continuam sendo um importante meio de comunicação. Segundo dados levantados pelo Instituto Verificador de Comunicação - IVC e disponibilizados no site da Associação Nacional de Editores de Revistas - ANER (<http://aner.org.br/>), em 2013 existiam mais de 5 mil títulos e a circulação era de 382 milhões de exemplares por ano - números consideráveis. E se a tiragem de muitas publicações só diminuiu, há aquelas que veem os números aumentarem, como *Época*, que elevou a circulação média de 387.956 exemplares por semana em 2013 para 390.709 em 2014 ou *Nova Escola*, que passou de 310.280 exemplares mensais para 344.011 no mesmo período. Quanto à publicidade, em 2014, as revistas foram responsáveis por 4,19% do total de faturamento em anúncios. Após da televisão (69,19%), do jornal impresso (8,64%) e da TV por assinatura (5,64%), ainda assim o faturamento foi de R\$ 1.044.627.996,54. Embora por si só esses dados não justifiquem um estudo sobre revistas, ilustram, em alguma medida, a relevância e a inserção sociais de tal veículo.

é tão importante manter a preocupação com esses dois aspectos, o comunicacional e o midiático.

Quando nos propomos a observar a capa de revista como um dispositivo, especificamente um dispositivo midiático, temos por intenção analisá-la enquanto uma materialidade que desencadeia relações, que sensibiliza os sujeitos, mas que também é sensibilizada por eles. Neste ponto, uma observação que se faz relevante diz respeito a essa adjetivação do termo dispositivo, que, dada a grande utilização do conceito em muitas áreas de conhecimento e com sentidos diversos, é apontada por Braga como algo fundamental. Assim, enquanto Cardoso sugere abordar as capas como dispositivos de comunicação, fazemos a opção por observá-las como dispositivos midiáticos, levando em conta a abordagem não midiocêntrica proposta por Antunes e Vaz, que consideram limitado tanto pensar a comunicação como algo que acontece por conta da mídia, como se a mídia englobasse toda a experiência social, quanto pensar na comunicação como se a mídia não ocupasse a importância que ocupa hoje. Nesse sentido, acreditamos que a utilização do termo "dispositivo" acompanhado do adjetivo "midiático" possibilita considerar as dimensões midiática e comunicacional das capas de revistas.

Tomadas, então, enquanto dispositivos midiáticos, as capas articulam:

- 1) uma forma específica de manifestação material dos discursos, de formatação de textos; 2) um processo de produção de significação, de estruturação de sentidos; 3) uma maneira de modelar e ordenar os processos de interação; 4) um procedimento de transmissão e difusão de materiais significantes (ANTUNES; VAZ, 2006, p.47).

Voltaremos a cada um desses pontos no tópico seguinte deste trabalho, todavia, adiantamos, por hora, algumas considerações sobre eles. No que diz respeito ao ponto um, capas trazem, entre outros aspectos, textos verbais e visuais que dizem, logo no primeiro contato com o leitor, do conteúdo que abordam em seu miolo. Esse conteúdo diz de temas que perpassam o cotidiano dos leitores e orientam um dado modo de interpretação do mundo, ponto dois da citação acima. Há, ainda nesse sentido, uma ordenação da interação entre aqueles que compartilham das capas e temas nelas abordados, conforme o ponto três. Quanto ao último ponto, capas disponibilizam materiais significantes, constituem alguns dos locais nos quais os sujeitos têm acesso ao que se passa no mundo (VAZ; TRINDADE, 2013, p.231).

Aqui, de modo complementar, vale recorrer também a Mouillaud, para quem o dispositivo "prepara para o sentido", impondo uma forma ao texto, bem como um modo de estruturação espacial e temporal. A capa de revista tem um formato específico que permite

reconhecê-la como tal - difere-se da capa de um jornal, de uma apostila, de um livro. Também, de acordo com cada publicação, vai trabalhar com determinada noção de espaço (tem circulação local, regional ou nacional?) e com uma periodicidade específica (é semanal, mensal, trimestral ou semestral?). Toda essa caracterização que é anterior ao texto (embora possa passar por alterações em decorrência dele), determina, em alguma medida, como ele pode ser, além de sugerir possibilidades de leitura. A noção pode até rememorar algo rígido, mas Mouillaud, embora não seja enfático, lembra que o texto inscrito no dispositivo, bem com seu leitor, não são passivos, também fazem o dispositivo. Assim, texto e dispositivo precedem-se e determinam-se. Capas formatam seus textos e orientam seus leitores, mas também são por eles formatadas.

A ideia de texto trabalhada por Abril (2007) pode ser bastante esclarecedora a respeito da relação do leitor com esse texto inscrito no dispositivo midiático, bem como da relação desse texto com tal dispositivo. Para começar, propõe uma noção de texto em que o visual é tão importante quanto o verbal. Trata-se do texto verbo-visual. Assim, ao se deparar com uma capa de revista, o leitor será convocado pelas fotografias, pelas chamadas, pelas cores, pelas tipografias utilizadas, pela disposição desses elementos - tudo isso sendo considerado na significação dos temas e acontecimentos nela expostos.

Além disso, de acordo com Abril, o texto verbo-visual tem como pressuposto ser lido contextualmente (a partir das instituições, práticas, modelos textuais e dimensões técnicas em que é produzido e trocado), interpretado reflexivamente (considerando os efeitos que produz no seu próprio contexto) e também discursivamente (como produzido por um sujeito individual ou coletivo que atua sobre ele indicando coordenadas espaciais e temporais em relação aos possíveis destinatários). O autor aposta no texto como algo dinâmico, constituído o tempo todo em múltiplos trabalhos interpretativos nos quais estão em jogo as demais referências do leitor, todos os outros textos com os quais ele já teve contato anteriormente. É por isso que, na leitura, novas significações são sempre produzidas. A interpretação não é a simples decodificação de mensagens, emissão e recepção condicionam-se a todo momento.

O sujeito que produz um texto normalmente antecipa estrategicamente a interpretação-resposta de seu destinatário; ao interpretá-lo, este propõe certas hipóteses sobre os propósitos do sujeito produtor, sobre a forma textual e o contexto, etc.⁶ (Abril, 2007, p.24). [tradução nossa]

⁶ Do original: "El sujeto que produce un texto normalmente há de anticipar estratégicamente la interpretación-respuesta de su destinatário; al interpretarlo, éste propone ciertas hipótesis sobre los propósitos del sujeto productor, sobre la forma textual y el contexto, etc."

Como os interlocutores não são meros codificadores e decodificadores, o sentido de um texto é sempre fluido. E é por isso que o texto e o leitor também determinam o dispositivo, o que pode ser melhor compreendido se jogarmos luz sobre um aspecto que nos aparece como fundamental, a dimensão da experiência. Nesse caminho, o modo como Braga aborda o dispositivo traz igualmente contribuições:

Tratar de "dispositivos" permite incluir as mediações que o usuário traz para a interação; as expectativas sobre o usuário, no momento da criação dos produtos - levando à "construção do leitor", aos modos de endereçamento, às promessas e contratos; permite incluir os processos em geral que cercam a circulação mediática; e aí também os contextos significativos de produção, de apropriação e da "resposta social" (sob qualquer forma em que esta ocorra) (BRAGA, 2011, p.11).

Segundo esse autor, é preciso atribuir relevância ao modo como os usuários se apropriam dos produtos. Por mais que o elemento tecnológico seja algo forte, não é ele, de forma isolada, que deve ser visto como o dispositivo. O conjunto heterogêneo de materiais e processos desencadeados a partir da tecnologia importa sim. Todavia, é essencial perceber a direção e o sentido que esse conjunto atribui à tecnologia na sua utilização. Conforme Braga, é na experiência que isso se dá. É a experiência que possibilita que o dispositivo passe por alterações. "É na sedimentação do que vai sendo tentado, testado e selecionado nas interações sucessivas de um dispositivo que ele mesmo se transforma, assim como a seus componentes – produtos, linguagens, lógicas, tecnologias e invenções de uso" (BRAGA, 2011, p.12).

Um exemplo simples, mas interessante, diz respeito à relação da capa com o miolo da revista. As primeiras revistas brasileiras, datadas do começo do século XIX, tinham capas semelhantes às dos livros. Na passagem do século XIX para o século XX, visando a uma diferenciação, as capas deveriam, antes de qualquer coisa, ser belas. Mas ainda não era preciso nenhuma associação com o conteúdo dos artigos e reportagens que a revista trazia. Apenas em meados do século XX, com a ampliação de títulos disponíveis e a crescente necessidade de destaque e venda em meio a outras opções, as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* iniciam uma preocupação com o furo jornalístico e suas capas passam a apresentar a publicação e a dizer o que ela traz no seu interior naquele número.

O que estamos tentando mostrar é que o conceito de dispositivo midiático, do modo como é trabalhado por Antunes e Vaz, acrescido das contribuições de Mouillaud e Braga, favorece a observação da capa de revista como uma mídia que impõe uma forma aos textos, mas que também é afetada por eles, que orienta processos de significação, orienta

interações, mas também se deixa modificar pelo sujeito que a experiencia. Por esse viés conseguimos perceber diferentes nuances da capa, distintos olhares possíveis num estudo sobre ela. A pergunta que se coloca, então, é: do ponto de vista metodológico, como realizar esse estudo?

*

Em termos metodológicos, Antunes e Vaz indicam que a definição de dispositivo com que trabalham implica em três dimensões de análise: a relacional, a interlocutiva e a contratual. Para os autores, de forma figurativa, essas três dimensões seriam círculos concêntricos, mutuamente imbricados, pensadas como entradas para diferentes tipos de análise. Vejamos:

- Relacional: trata-se do círculo mais abrangente e diz das interações sociais que se dão por meio do dispositivo midiático. É o lugar do jogo de influências mútuas entre os parceiros da troca comunicativa. Citando Bougnoux, os autores dizem que, na dimensão relacional, o dispositivo "engloba, precede e transborda" os parceiros, mostrando que não há um marco zero para a constituição dos sentidos.
- Interlocutivo: é um círculo contido no relacional. Evidencia como os parceiros se encontram mutuamente implicados nos discursos da mídia.
- Contratual: círculo mais específico, que diz das expectativas envolvidas nas trocas comunicativas e onde é possível perceber uma linguagem funcionando de um modo característico. Remetendo a Charaudeau, Antunes e Vaz explicam que se trata de um domínio da comunicação que indica aos interlocutores determinadas condições que são esperadas na troca comunicativa.

Apesar de concêntricos, dizem os autores, os círculos não estão um dentro do outro. Sugerimos que, por aproximação, talvez a imagem seja a das ondas formadas por uma pedra jogada na água. Os círculos têm o mesmo centro, mas se misturam durante a movimentação causada pelo impacto. Não é possível pensar em algo estático. E é a combinação dessas dimensões, as fricções entre elas, que são constituintes do dispositivo. O recorte analítico, pressuposto de qualquer pesquisa, elege um aspecto, mesmo assim, o círculo mais amplo não se sobrepõe aos outros. "Há sempre um e outro, cada círculo, em

relação aos demais, funciona ao mesmo tempo como um aro, um halo e um elo" (ANTUNES; VAZ, 2006, p.48).

Tentando estabelecer alguma relação entre as dimensões de análise, as metáforas do aro, do halo e do elo e as capas de revistas, poderíamos pensar que o círculo relacional seria representado pelo halo, que é mais esfumado, como uma auréola. Ele diz da dimensão comunicativa na sociedade, do discurso social. As capas não estão isoladas no mundo, elas estão ao lado de outros discursos, em comunicação com eles. Já a interlocução seria o elo, diz da ligação do veículo com os outros sujeitos (que, no nosso caso, podem ser até mesmo outras capas). As interlocuções são históricas, variam no espaço, são processuais. Por fim, o círculo contratual seria representado pelo aro, que delimita, circunscreve. Diz da relação da capa de revista com o seu leitor, das expectativas de um em relação ao outro. Considerando que revistas são veículos segmentados, uma análise dessa dimensão contratual pode revelar muito do modo como a publicação se apresenta e do tipo de leitor com que pretende falar. Mas apesar de ser o círculo mais específico, também nele é preciso dar conta do que há de relacional e interlocutivo. O mesmo deve ser considerado quando se elege qualquer uma dessas outras duas dimensões. Como afirmaram Antunes e Vaz, há sempre um e outro, cada círculo funciona em relação aos demais. Sendo assim, cada análise vai dizer sobre qual dimensão é mais interessante se deter e aprofundar. Porém, para que se configure como um estudo aprofundado da mídia, não deve nunca desconsiderar as demais.

*

Não é intenção deste trabalho aprofundar-se nessas dimensões de análise. Esse "parêntese metodológico" visa apenas a apontar algumas entradas possíveis em pesquisas que adotam a noção de dispositivo midiático. Passemos, então, ao passo seguinte - organizar os contributos trazidos por esse conceito para a observação da capa de revista como objeto de estudo comunicacional. Eles vão aparecendo no decorrer do texto, mas julgamos relevante reuní-los de modo mais organizado e sistematizado.

A capa como dispositivo

Como dito, durante o trabalho, enquanto caracterizamos o dispositivo midiático, fomos levantando as contribuições de seus aspectos para o exame da capa de revista. Aqui,

numa tentativa de compilar os principais ganhos, voltamos aos quatro pontos que, conforme Antunes e Vaz, definem o dispositivo. São eles:

- *Uma forma específica de manifestação material dos discursos, de formatação de textos*

Este primeiro aspecto que caracteriza o dispositivo midiático permite entender, em alguma medida, os aspectos formais do meio. Acreditamos tratar-se de algo muito próximo do que Mouillaud diz quando fala que o dispositivo impõe uma forma ao texto. A capa de revista é feita para ser notada a certa distância dos pontos de venda. Ainda que não seja possível perceber todos os detalhes da ilustração ou do conteúdo verbal nela estampados, é importante que o leitor identifique, por exemplo, a figura fotografada, o nome da publicação e a chamada principal sem precisar pegá-la. Ao se deparar com a capa de uma revista, com o texto verbo-visual nela inscrito, deve-se saber rapidamente que a publicação "X", fala sobre "Y", do modo "W". Até porque a capa é feita para ser lida em meio a outras capas.

Em "Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz", Vaz e Trindade (2013) argumentam que a capa funciona como um cartaz exposto no espaço urbano. Assim, disputa visibilidade não apenas com as outras capas, mas também com o entorno citadino. Por isso, precisa ser simples e, como os cartazes, trazer poucos elementos, que possam ser lidos na mesma rapidez com que normalmente as pessoas tendem a passar por elas, já que nem sempre a revista será desfrutada na tranquilidade do lar.

Se todos esses aspectos precisam ser considerados na confecção de uma capa, o texto que é aí inscrito deve ser formatado para atender a essas condições. Porém, mais que criar uma camisa de força para os textos, esse primeiro ponto que caracteriza o dispositivo midiático possibilita entender porque eles são inscritos de um dado modo, bem como as condições que levaram a isso. Além disso, o conceito não exclui a possibilidade de mudança, já que textos e o modo como são lidos também formatam o dispositivo midiático.

- *Um processo de produção de significação, de estruturação de sentidos*

O dispositivo midiático, ao dizer da experiência do mundo, atua na sua construção, acaba orientando um dado modo de interpretá-lo. Ademais, vivenciamos muitos acontecimentos e temos contato com uma infinidade de temáticas por meio da mídia. Algumas vezes, apenas por meio dela.

As capas de revistas estão entre os dispositivos midiáticos que, conforme Antunes e Vaz, falam da experiência do mundo e fazem parte dessa mesma experiência. Acreditamos, inclusive, que seja possível dar notícias do que se passa apenas visualizando essas capas, que se constituem, a nosso ver, como uma potência de sentidos, dependente do trabalho de leitura para se concretizar. E aí podemos retomar Braga para lembrar a importância da experiência nos processos de elaboração de sentidos.

De acordo com Antunes e Vaz, quando reescreve uma experiência, a mídia cria uma nova temporalidade, do mesmo modo, atribui diferentes pesos e importância aos discursos que apresenta. Essa refiguração da experiência não se dá, contudo, sem conflitos. A mídia organiza o presente, mas é atravessada pelo passado e pelo futuro, ela acolhe os discursos contemporâneos, entretanto, não os acolhe da mesma maneira, pois o peso de um discurso está ligado à maneira como ele nasce e se desenvolve na vida social. O que implica na necessidade de a análise da mídia ser sempre uma análise histórica.

Considerar que, enquanto dispositivo midiático, a capa de revista articula um processo de produção de significação, possibilita observar a construção de temporalidade desse meio (que é distinta da forma como ocorre no jornalismo diário, dada a periodicidade das revistas), permite pensar na relação do veículo com os discursos disponíveis na contemporaneidade, além de indicar a relevância do trabalho de leitura.

- *Uma maneira de modelar e ordenar os processos de interação*

É característico do dispositivo estabelecer relações de agendamento. E, embora ele não seja a agenda da sociedade, tanto oferece temas quando atribui graus de relevância para os mesmos. Segundo Antunes e Vaz, não se trata da teoria do agendamento ou *agenda setting*, que busca identificar uma correspondência entre a agenda da mídia, a agenda pública e a agenda política. "Agendar significa instaurar processos de convocação e identificação dos sujeitos sociais para uma intensa prosa social e pública" (ANTUNES; VAZ, 2006, p.49).

Capas de revistas ordenam a interação entre aqueles que compartilham delas e dos temas nelas abordados. Além disso, não é raro assistir ao noticiário televisivo, por exemplo, e ver mencionada uma matéria de capa de alguma revista. Tampouco é difícil notar a capa de uma revista fazendo menção a outra capa, ainda que seja da publicação concorrente. Também de forma menos explícita, vemos que os meios falam sobre os mesmos assuntos, mesmo que não se consultem previamente sobre isso.

Nesse sentido, o dispositivo engendra uma fala pública que não é a soma das falas individuais, a fala coletiva organizada, nem a fala dos meios. O dispositivo esforça-se em produzir o comum – tanto a partir da tipificação quanto pelo acolhimento e metamorfose de outros discursos (ANTUNES; VAZ, 2006, p.50). Observar o estabelecimento das relações de agendamento pelas capas de revistas é uma forma de perceber como tal dispositivo atua na convocação e na coordenação da interação entre os sujeitos e suas falas, como ele produz o comum, o que é socialmente partilhado.

- *Um procedimento de transmissão e difusão de materiais significantes*

O último ponto refere-se à caracterização dos meios como o elo material que viabiliza o contato entre os sujeitos, como os difusores de material significativo que estrutura as interações discursivas.

Capas de revistas, como mencionado, disponibilizam materiais significantes e são um dos locais em que os sujeitos têm acesso ao que se passa no mundo. Mas vale ressaltar: não se realizam sem o trabalho de leitura.

Olhado de forma isolada, este quarto traço do dispositivo midiático apresenta uma forte ênfase nos aspectos estruturantes do "canal". Seu foco é na transmissibilidade e na reprodutibilidade dos meios de comunicação. Todavia, quando nos voltamos para os demais pontos, percebemos que o processo considera os interlocutores, não se efetiva sem eles. Assim, é possível observar a materialidade da capa e as funções que ela exerce, sem, contudo, ignorar os sujeitos que se relacionam através dela.

Organizadas a partir desses quatro pontos, as contribuições trazidas pela noção de dispositivo midiático podem até se repetir em alguns momentos, mas é desse modo que conseguimos destacar traços particulares, que resultam em ganhos para a abordagem da capa de revista que também são específicos.

Alguns apontamentos

Recorrer ao conceito de dispositivo não é nenhuma novidade na abordagem da capa de revista, conforme ilustramos com o trabalho de Cardoso. E embora seu trabalho responda à questão que coloca - observar a construção das capas de *newsmagazines* -, continua insuficiente para responder ao problema que trouxemos.

Numa tentativa de somar contribuições ao campo de estudos da comunicação, principalmente no que se refere aos estudos sobre capas de revistas, nos propusemos a observar outros tratamentos do dispositivo. Acionamos principalmente aquele realizado por Antunes e Vaz (dispositivos midiáticos), mas acrescentamos a ele as discussões trazidas por Mouillaud (dispositivos) e por Braga (dispositivos interacionais). A opção pelo termo dispositivos midiáticos, como já dissemos (mas acreditamos ser importante reiterar), deve-se à adoção de um enfoque que não desconsidera a relevância da mídia na contemporaneidade, do mesmo modo que atribui relevância à atuação dos interlocutores, o que facilita e proporciona uma observação da capa de revista abarcando, simultaneamente, suas dimensões midiática e comunicacional.

No decorrer do texto, fomos caracterizando o dispositivo midiático e, na medida em que seus traços foram aparecendo, também trouxemos os principais contributos para a abordagem da capa de revista. Feito isso, apresentamos o que chamamos de "parêntese metodológico". Conforme explicamos, não era intenção deste trabalho aprofundar em tal aspecto, mas somente apontar algumas possibilidades de análise em pesquisas que, como a nossa, adotam a noção de dispositivo midiático.

O passo seguinte foi voltar nos quatro pontos definidores do dispositivo, conforme trabalhado por Antunes e Vaz, para sistematizar e organizar as contribuições que a noção nos oferece para o exame da capa de revista como objeto de estudo da comunicação. Sabemos que ainda há muito a ser explorado, mas vale listar alguns ganhos aqui. Tomar a capa de revista enquanto dispositivo de comunicação permite:

- observar os aspectos formais desse meio, bem como compreender a importância desses traços;
- analisar as temporalidades instauradas pelo veículo e as relações que estabelece quando reescreve discursos;
- perceber a relevância da dimensão da experiência nos processos de significação e na própria estruturação e reestruturação do meio;
- verificar as relações de agendamento e, a partir daí, examinar a construção do comum;
- notar a materialidade da capa, como ela atua na difusão de materiais significantes e na estruturação das interações, mas sempre considerando os interlocutores aí envolvidos.

São muitas as contribuições. Há a possibilidade de observar a capa de revista em sua materialidade, forma e relações. Importa o que ela traz, o modo como se apresenta e apresenta o conteúdo ofertado, os processos de produção de sentidos que instaura, as interações que ordena, como é lida. E embora tenhamos consciência de que a noção de dispositivo midiático não dá conta de resolver todos os problemas que se colocam num estudo de comunicação que tem a capa de revista como objeto, apresenta consideráveis avanços e parece-nos uma boa aposta para tratar a complexidade do meio.

Referências bibliográficas

ABRIL, G. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Sintesis, 2007.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.43-60.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In.: XX Encontro da Compós - Anais. Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2011.

CARDOSO, Carla Rodrigues. Nos bastidores do óbvio: A capa de newsmagazine como Dispositivo de Comunicação. Anais do V Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Minho: Universidade do Minho, 2007.

KOPP, Rudinei. Design para capas de revistas: padronização e flexibilização. In.: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. P.210-240.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell; PORTO, Sérgio Grossi. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Ed. UnB, 2002.
SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAZ, Paulo Bernardo; TRINDADE, Vanessa Costa. Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.